

KLAXON EM MARSELHA

María Alice de Oliveira Faria *

A questão da projeção internacional de **Klaxon** ainda está por ser inteiramente esclarecida. Segundo podemos ler na introdução de Mário da Silva Brito à reedição da revista (1972), Menotti del Picchia foi talvez o primeiro que divulgou a idéia da “forte repercussão além fronteiras”. E mais adiante: “Rompendo as fronteiras nacionais, foi bater nas portas da França, da Itália e de Portugal”.¹ Mário da Silva Brito endossa essas afirmações de primeira hora, quando escreve na sua Introdução: “**Klaxon** teve realmente projeção internacional”.² Outros críticos, como Afrânio Coutinho na *Literatura no Brasil*, já vinham repetindo a mesma afirmação.

No que diz respeito às relações de **Klaxon** com a França, pudemos recentemente, em pesquisa na Biblioteca Nacional de Paris, complementar o trabalho de Cecília de Lara, que estudou o relacionamento de **Klaxon** com os simbolistas belgas da revista *Lumière*: Roger Avermaëte, Marcel Millet, Henri Mugnier.

Na realidade, a projeção de **Klaxon** na França, até que surjam documentos em contrário, parece que se deu entre um pequeno grupo de província, que editava a revista *La Criée*, em Marselha. Esta revista foi citada diversas vezes em **Klaxon**. No número 4, nos seguintes termos: “Boa revista, com colaboração escolhida. Entre outros nomes: Han Ryner, Léon Franc, Marcel Millet, Paul Myrriam — Convém citar “Bain”, de Marcel Millet e “Propos sur le quai”, de Lén

* María Alice Faria é Doutor pela Universidade de São Paulo (1970) com a tese *Astarte e a Espiral*, um confronto entre Alvares de Azevedo e Alfred de Musset que recebeu o prêmio Governador do Estado de São Paulo e foi publicado pela Comissão Estadual de Literatura em 1973 (368 p.). Três anos antes já havia publicado, também pela Comissão Estadual de Literatura *Brasileiros no Instituto Histórico de Paris* (104 p.). Desde 1966 colabora em várias revistas especializadas e no Suplemento Literário do Estado de São Paulo. Atualmente, leciona, na condição de Professor Titular, Língua e Literatura Francesa na Faculdade de Filosofia de Marília, São Paulo.

1 *Klaxon*, São Paulo, nova ed., 1972.

2 *Ibid.*,

Franc".³ No número 5, a referência é menor: "Número de julho, com interessante colaboração de Marcel Millet, Léon Franc, etc."⁴ No número seguinte, à página 14: "**La Criée**, número de agosto da interessante revista marselhesa. A destacar, como sempre, as colaborações de Marcel Millet, Léon Franc, etc."⁵ No número 7, uma simples menção, para "Muito agradável a leitura do número de outubro da revista marselhesa",⁶ para desaparecer em seguida qualquer menção ao último número de **Klaxon**. E publica também um pequeno conto ou crônica de Marcel Millet, principal colaborador de **La Criée**.

A revista **La Criée**, por sua vez, tendo recebido números de **Klaxon**, faz menção a ela no "memento" da revista das revistas. Inicialmente, como "**Klaxon du Brésil**" (n.º 14), e "**Klaxon, revue brésilienne**" (n.º 15). Por fim, no número 18 (novembro de 1922), publica um artigo de Sérgio Milliet sobre Henri Mugnier, que conheceu pessoalmente na Suíça, (artigo datado de São Paulo, de 8-7-1922), comenta o teor geral da revista e estampa ainda a tradução do poema "O discóbolo", de Guilherme de Almeida. A referência, na íntegra, é a seguinte:

Klaxon (São Paulo, rue Direita, 23), revue brésilienne et française. Du numéro de juillet, signalons un remarquable poème de M. Guilherme de Almeida, dont voici une traduction libre:

Dans la poussière olympique du cirque
Sous un soleil violent, ils lançaient le disque
qui filait haut et vibrait loin
comme un soleil de bronze.
Leurs gestes
étaient assurés
et leurs pieds marqués sur l'arène mobile.
Et le petit astre de cuivre, rapide,
fuyait de leurs bras tendus
et lustrés d'huiles,
telle, de l'arc puissant — une flèche.
Tous les yeux
le suivaient dans la brève trajectoire aérienne
et se fixaient
au feu métallique du petit soleil.
Et ils ne voyaient pas même l'autre — le vrai:
inaccessible et paraissant moindre.⁷

Ora, o que era a revista **La Criée**, de Marselha, e o que poderia representar no panorama literário da França e de sua vanguarda?

Trata-se de uma pequena revista provinciana, de produção desi-

3 **Klaxon**, São Paulo, (4): 16, ago. 1922.

4 **Klaxon**, São Paulo, (5): 13, set. 1922.

5 **Klaxon**, São Paulo, (6): 14, out. 1922.

6 **Klaxon**, São Paulo, (7): 16, nov. 1922.

7 **La Criée**, Marseille, (18): 15, 1922.

gual, onde um Jean Giono ainda desconhecido e um Antonin Artaud colaboram ao lado da mais lamentável produção feminina.

A Biblioteca Nacional de Paris possui uma coleção incompleta, a partir do n.º 8, de janeiro de 1922. Supõe-se, então, que a revista tenha sido fundada em 1921, ou mesmo antes. Até o n.º 27, ela se apresenta no seu formato maior; daí até o final, o tamanho fica reduzido e a revista parece extinguir-se em fevereiro de 1923, com dois números juntos, sinal, geralmente, de publicação agonizante...

É uma brochura com 16 páginas. A capa branca, num papel idêntico ao dos textos, apresenta em todos os números uma xilogravura representando um homem nu, musculoso, gritando e com um braço erguido em atitude de protesto. Ele está montado num cavalo com as patas dianteiras levantadas. No seu todo, trata-se de um meio caminho entre a novidade e o tradicional.

A posição literária de *La Criée* fica num vago modernismo que, aliás, as colaborações desmentem. A revista n.º 8 publica uma folhavovente, a propósito da fundação da "Société de la Criée", uma súmula do que pretende ser a revista:

La Criée fait appel à tous les sincères, à tous les désintéressés de l'art et des lettres. Point de chefs! des collaborateurs, des associés. Toutes les philosophies, toutes les opinions, toutes les hardiesses! De la vie!

Modeste, *La Criée* veut, dans notre rayonnante Marseille, apporter sa contribution à la recherche des significations des mouvements de l'esprit moderne.

Na realidade, a revista não apresenta colaboração ousada, não indo além de um epigonismo simbolista, com alguns toques futuristas. Marcel Brion assegura os estudos literários, apresentando Apollinaire, Cendrars, que são os mais modernos apregoados por ela. A revista resenha publicação do momento como *L'Esprit Nouveau*. Mas a colaboração do diretor da revista, Léon Franc, tão louvado em *Klaxon*, não ultrapassa versos afitivamente rimadinhos e ritmados tradicionalmente, de atmosfera decadente; e sua prosa não tem características especiais. Dos versos abaixo, por exemplo, temos uma idéia das possibilidades poéticas do diretor da revista:

Le Yachet pavoisé

La vague est un vin mousseux,
Sur la strade qui m'allonge
Au dimanche paresseux
Gonflé de joie et de songe. 8

etc.

Da mesma forma, outros poemas rimados ou em versos livres mantêm a mesma atmosfera melancólica, cinzenta da poesia decadente. Eis, por exemplo, o início de "Lunaire" de Yves Blanc:

8 *La Criée*, Marseille, (8), jan. 1922.

La dune se déploie ainsi qu'un promontoire
Entre la mer mouvante et le vicux chemin creux.
La lune aux flots se joue, et l'argente, et le moire,
Et l'horizon s'accrît jusqu'au velours des cieux.⁹

E no n.º 19 de dezembro de 1922:

Je revois, je revois ce décor adorable,
Cette fin de beau jour de l'automne passé,
Dont la douceur fondait le ciel, la mer, le sable
Et nous enveloppait d'un bonheur nacré.
etc.

Do mesmo teor são os poemas de Gasparone, "Euphorie", no n.º 12. de maio de 1922, evocando Mallarmé:

Les collines où la brume
Fume,
Les clartés dont la houle
croule
Au ciel rose, hyacinthe et mauve
S'éveillant à l'aube vierge.
O moment, doux, primitif, éternel,
Où sur le frisson des prés,
Le matin ous tord ses voiles
Trempés!
.....
En l'air léger il neige des promesses.

Et soudain
D'un déluge de feu l'irradiement immense
Un poème Mallarméen...

e sobretudo este "Soir de provence" de Jean Karon:

La nuit tombe, lasse.
Une immense lune, rouge comme un soir
de cuivre neuf, émerge de quelque part.
La plaine descend vers le Rhône.¹⁰
etc.

Marcel Millet, provavelmente o elemento de ligação entre brasileiros e franceses, escreve bastante na revista e os seus poemas são do mesmo teor, mas em versos brancos, como "L'Ami", estampado com uma epigrafe de Verlaine:

La solitude bonne au travail; mais des soirs
il n'y a plus d'huile dans la lampe,
Psyché n'est qu'une humble servante,
ayez pitié de cette pauvre femme...

9 La Criée, Marseille, (14), juil. 1922.

10 La Criée, Marseille, (13), jin 1922.

Des soirs cinglés de vent d'automne,
Des doutes, et l'angoisse monotone.
Savoir tellement qu'il ne passera personne.

.....
Le lendemain est déjà venu On ouvre la porte.
Soleil pâle, odeur de la mer,
un matin vivant et qu'on voudrait clair
comme un joli rayon d'enfance.

(O novo amigo chega, cumprimentos gaguejados, ambos trocam idéias sobre os mesmos livros que apreciam).

J'irai te voir dans ton logis sur la colline.
J'irai. Prends ce Verlaine, et Vildrac ô l'ami!
.....
Tu reviendras souvent dans cette maison sage
Toute petite, fervente et calme?

Et hier, disais-je, hier, j'ai douté de moi-même
et des autres...
Je ne sais plus, je ris, mes mains sur tes épaules
et que nous nous regardions en face! ¹¹

Mesmo Antolin Artaud não escapa a estas deliquescências e languores. Além de algumas crônicas teatrais, publicará um soneto, "Navire mystique" ¹² e versos brancos, como em "Saint François d'Assissi". ¹³

Assim, o poema "Bain", de Marcel Millet, citado em **Klaxon**, representa realmente uma das "ousadias" preconizadas pelo n.º 8 da revista. Trata-se da descrição das sensações físicas causadas por um banho de mar: euforia do corpo em contacto com os elementos são exaltados. O todo se enquadra nas tendências futuristas de cantar a força física, o corpo nu e livre e o estilo está adequado ao tema.

Marcel Millet publica também diversos contos, novelas, como "Sixte Boufardel" ¹⁴ (na íntegra em diversos números) e um capítulo de um romance intitulado **Jacques, le Paresseux**, ¹⁵ recém-editado pela Librairie de France, Paris. Mas seu estilo não tem nada de especial que mereça ser relevado. Aliás, na prosa, apenas Jean Giono, ainda totalmente desconhecido, revela um estilo pessoal e já acabado.

Finalmente, para se ter uma idéia da colaboração feminina, ao

11 *La Criée*, Marseille, (9): 3, fev. 1922.

12 *La Criée*, Marseille, (14), juil. 1922.

13 *La Criée*, Marseille, (18), nov. 1922.

14 *La Criée*, Marseille, (14/17), 1922.

15 *La Criée*, Marseille, (17), oct. 1922.

lado das afetações de Cécile Guyon, que enaltece a crônica familiar, basta um exemplo de Magde Millet (uma parente de Marcel?) para nos dar uma idéia do nível das colaborações:

Trop Ioin

Devant le brasier de lumière que dévore Paris tous les soirs,
J'ai rêvé à toi ô "notre Aimé!"
J'ai vu le paisible jardin
tout blanc des caresses de la lune
la petite maison et la chambre tiède,
ton berceau, ton sommeil d'ange,
la broussaille, d'or sur l'oreiller,
ton poing mignon soutenant ta joue rose
et ta main... ta menotte aux fossettes rondes.
ces cinq "nids d'amour" comme je voudrais les embrasser
[ce soir!

Mais tu es loin, trop loin,
Et mon coeur sanglote,
Tandis que mes lèvres sourient à ta chère Image... 16

Tratava-se em suma de uma pequena revista de província, acolhendo todos os amigos e parentes, indiscriminadamente, e onde a vanguarda não havia chegado, em realidade. Ficavam eles ainda no néo-simbolismo de antes da guerra, vagamente estimulados pelas tendências do grupo de *Esprit Nouveau*, e o exemplo mais avançado de modernismo, como o citado "Bain", de Marcel Millet, não ultrapassava os modismos do manifesto futurista.

Não se pode pois dizer que a revista *Klaxon* tenha se divulgado num meio vanguardista, na França. E nem mesmo representativo literariamente. Por outro lado, conclui-se que, pelos comentários favoráveis de *Klaxon* a *La Criée*, e pelo entusiasmo demonstrado por esta para com o poema de Guilherme de Almeida — cujo estilo se aproxima do de "Bain" de Millet — que ambos os grupos estavam longe de compartilhar das vanguardas européias do momento. Nota-se, aliás em *Klaxon*, excetuando-se talvez a colaboração de Mário de Andrade, que o grupo, depois da *Semana de Arte Moderna*, procurava uma direção vanguardista, sem estar realmente informado e integrado nela. Daí se sentirem à vontade com uma revista do nível de *La Criée*. E o estudo de Sérgio Milliet sobre Henri Mugnier, comprovam que tanto *Klaxon* quanto *La Criée*, ainda estavam presos aos modismos de antes da guerra, ao néo-simbolismo, sendo que os rasgos de modernidade de ambas as revistas, não iam além das já superadas receitas futuristas. Eis, por exemplo, um trecho do que escreve Sérgio Milliet, sobre Henri Nugnier:

16 *La Criée*, Marseille, (19), déc. 1922.

Le plus souvent le poète chante la solitude, le passé, la crainte de l'avenir, la misère de l'heure présente. Voici une des pages les plus caractéristiques de sa manière:

Je suis chez moi; ma porte grince.
Je fais de la lumière. Alors
ma chambre m'apparaît dans le décor
de son implacable solitude.

Mon lit sourit un peu railleur.
Sans hâte je me déshabille.
Et je m'amuse à ses malheurs.

Et c'est fini, je vais dormir.
Ma journée est passée sans un souvenir
Je peux tourner la page.

"La simplicité est ici poussée jusqu'au prosaïsme de François Coppée. Tout le volume n'est pas aussi simple. Mas le fut-il que je ne le déplorerais pas. En ce temps de fantaisie effrénée, de stylisation aigue, de maniérisme et de snobisme, ces accents calmes, mélancoliques, résignés, reposent et charment".¹⁷

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LA CRIÉE, Marseille, (8, 9, 12, 13, 14; 15, 16, 17, 18, 19), 1922.
KLAXON, São Paulo, (4): 16; (5): 13, (6): 14, (7): 16, 1923.

Resumo

A autora apresenta a revista francesa *La Criée*, editada em Marselha entre 1921 e 1923, e que foi citada na revista modernista brasileira *Klaxon*. *La Criée*, por sua vez, cita *Klaxon*, reproduz um artigo de Sérgio Milliet sobre Henri Mugnier e uma tradução de "O discobolo", de Guilherme de Almeida.

Além de mostrar as relações entre as duas revistas, a autora pretende dar subsídios para fixar-se objetivamente a divulgação de *Klaxon* na França e para se compreender até onde chegava a participação vanguardista dos colaboradores de *Klaxon*.

Résumé

L'auteur présente la revue *La Criée*, parue à Marseille entre 1921 et 1923 et mentionnée par la revue moderniste brésilienne *Klaxon*. *La Criée*, à son tour, mentionne *Klaxon* et publie un article de Sérgio Milliet sur Henri Nugnier et une traduction du poème "O discobolo" de Guilherme de Almeida.

L'auteur établit les rapports entre les deux revues et elle se propose à informer sur les vraies limites de la divulgation de *Klaxon* en France et à montrer par là que les modernistes de *Klaxon* connaissaient mal l'avant-garde française.

¹⁷ *La Criée*, Marseille, (18): 8-9, nov. 1922.